

Biblioteca Anarquista

Os Grandes Escritos

ANARQUISTAS

*Textos de Bakunin • Errico Malatesta • P.-J. Proudhon
• Leon Tolstoi • Oscar Wilde • George Orwell • Alex
Comfort • Herbert Read • Emma Goldman • Peter
Kropotkin • George Woodcock • Peter Arshinov •
Paul Goodman • Alexander Berkman • Murray Book-
chin e outros.*

Introdução e seleção de

George Woodcock

L&PM
EDITORES

2ª edição

das as guerras) serei mandado para a morte certa ou ainda (a coisa mais terrível que poderia me acontecer) exigiriam que eu lutasse contra meus próprios compatriotas e matasse meus irmãos por razões dinásticas ou qualquer outro problema que não me dissesse respeito.

Essas são as desvantagens.

As vantagens relativas da submissão e da recusa em servir ao exército são as que seguem:

• Para aquele que concorda em se submeter, as vantagens serão que, depois de suportar todas as humilhações e executar todas as crueldades que exigirem dele, esse homem poderá — se não tiver sido morto antes disso — receber uma bela condecoração vermelha e dourada para adornar sua roupa de palhaço e até mesmo, se tiver muita sorte, obter o comando de centenas de milhares de homens tão embrutecidos quanto ele, receber o título de marechal e ainda muito dinheiro.

As vantagens de quem não se submeter serão que, ao recusar, estará preservando a sua dignidade de homem, ganhando o respeito dos homens de bem e, acima de tudo, a certeza de que está agindo segundo os preceitos divinos e dessa forma, fazendo o bem ao seu semelhante.

Tais são as vantagens e desvantagens da submissão e da rebeldia para todos aqueles que pertencem à classe opressora e abonada. Os membros da classe pobre e operária terão as mesmas vantagens e desvantagens além de um acréscimo importante às desvantagens — aquele que não se recusou a cumprir o seu serviço militar estará, pela sua participação e aparente aprovação aos atos do governo, legitimando a opressão a que ele próprio está submetido.

Mas a questão da necessidade da existência do Estado ou da sua abolição não será decidida por reflexões para descobrir se o homem necessita ou não do governo que exigem que ele defenda através da sua participação no serviço militar, e ainda menos por considerações sobre as vantagens e desvantagens que cada homem poderá ter concordando em obedecer às ordens do Estado ou recusando-se a fazê-lo. Essa questão será decidida definitivamente pelos escrúpulos religiosos ou pela consciência de cada homem que, diante do serviço militar, devem enfrentar involuntariamente o problema de saber se o Estado deve ou não deve continuar existindo.

SINDICALISMO, UMA DEFINIÇÃO

GEORGE WOODCOCK

(in *As Estradas de ferro e a sociedade*, 1943)

O sindicalismo é um método de organização industrial que difere de todos os conceitos tradicionais sobre o que seja autoridade e governo, capitalismo e Estado. Enquanto o comunismo, ao abolir o capitalismo individual, criou em seu lugar um monstro ainda pior sob a forma do estado econômico, o sindicalismo abandona os modelos de administração que no passado sempre resultaram na opressão e na exploração do homem pelo homem e parte para a construção de um modelo de organização que se preocupa mais em atender as necessidades naturais do homem do que os interesses da classe dominante, um modelo que não tem como base a autoridade imposta mas a cooperação voluntária entre indivíduos livres e iguais, com o objetivo de prover as necessidades econômicas dos homens que constituem a sociedade. O Sindicalismo não é a manifestação industrial do anarquismo. Este defende a idéia de que, em lugar da coação que o governo exerce sobre o indivíduo, e que existe nas sociedades mais democráticas que ainda mantêm estados organizados, deveria haver uma sociedade baseada na cooperação entre homens e mulheres livres para a satisfação de suas necessidades sociais e econômicas. Seria necessário manter uma forma qualquer de organização para garantir o bom desempenho dos meios de produção e dos serviços públicos desejáveis mas não haveria lugar para nenhum tipo de organismo centralizado e autoritário, com seus parlamentos, polícia, burocracia, código de leis, impostos, exércitos e intrigas secretas sobre a política interna e externa nesta sociedade baseada na justiça e na razão. Na anarquia, o indivíduo pode viver como quiser, desde que não interfira na liberdade de seus semelhantes e cumpra suas funções econômicas contratuais.

Os anarquistas acreditam que os meios de produção deveriam ser propriedade comum da sociedade e que esta seria a única forma de eliminar a influência limitadora da propriedade privada e fazer com que todos os recursos da natureza e da ciência fossem explorados até os últimos limites em benefício da humanidade. Para afastar qualquer possibilidade de que esses benefícios privados ressurgissem, defendem a idéia de que, uma vez retirados das mãos dos usurpadores que os controlam, os meios de produção sejam administrados não por qualquer autoridade ou elite de líderes,

A SOCIEDADE DE INDIVÍDUOS LIVRES



mas pelos indivíduos mais interessados na produção, ou seja, os próprios operários.

Como já disse, o sindicalismo seria o método utilizado para organizar e controlar os trabalhadores. Seria, além disso, o método através do qual os operários que vivem numa sociedade baseada na propriedade privada, poderiam ser mobilizados para chegar a uma sociedade livre e sem classes.

O sindicato é uma forma de União que difere da associação de classes comum, no sentido de que seu objetivo não é apenas a obtenção da melhoria dos salários e condições de trabalho em vigor no sistema mas a derubada do próprio sistema por meio de uma revolução social baseada na ação econômica direta dos operários. Isto não significa que ele descuide da luta diária mas apenas que seus membros reconhecem que só com a destruição total da estrutura de propriedade e autoridade é que os trabalhadores poderão obter justiça e segurança.

O sindicato difere também da associação de classes comum quanto aos métodos de organização. Esta segue o modelo da sociedade governamental, isto é, tem uma forma centralizada, com uma autoridade central e uma burocracia permanente que, como qualquer outra burocracia, vai ganhando rapidamente certos privilégios e poderes e acaba por se transformar numa classe com uma posição econômica consideravelmente mais elevada que a dos operários responsáveis pelo pagamento dos salários que recebem cujos interesses deveriam defender. O sindicato, por outro lado, baseia-se na organização dos operários por indústria, no próprio local de trabalho. Os operários de cada fábrica, oficina ou propriedade rural constituem uma unidade autônoma, responsável pela solução de seus próprios problemas de trabalho. Essas unidades se reúnem federativamente num sindicato, cuja tarefa é coordenar as ações dos operários de cada indústria. A organização federal não tem nenhuma autoridade sobre os operários, nem pode impor seu veto a nenhuma decisão, como acontece com o poder executivo de uma União classista. Não tem um corpo de funcionários permanente e os poucos voluntários são escolhidos por um período limitado e não gozam de privilégios que os distinguem dos operários comuns, nem exercem qualquer tipo de autoridade sobre eles.

Sendo governado de baixo para cima e não-contaminado pelos conceitos ou instituições da autoridade, o sindicato representa, mais do que qualquer outro tipo de organização, a vontade dos operários. O fato de que não existe burocracia, centralização, privilégio ou interesse em manter a atual ordem social, lhe confere grande flexibilidade de ação e uma verdadeira solidariedade, tornando-o instrumento ideal para canalizar e in-

fluenciar, no bom sentido, toda a atividade revolucionária espontânea do povo.

Os sindicatos desempenharão seu papel na revolução social, organizando a ação econômica direta dos trabalhadores. Nas estradas de ferro, por exemplo, poderão orientar os operários na expropriação de linhas ou estoques móveis para que estes passem a ser utilizados não mais em benefício dos chefes destituídos mas dos revolucionários. Depois da revolução, os sindicatos formarão a estrutura sobre a qual será erguida a primeira fase da nova sociedade livre. Os anarquistas não fazem planos a longo prazo sobre como deverá ser essa sociedade pois acreditam no crescimento aberto e contínuo das instituições e reconhecem que qualquer plano rígido poderá criar uma sociedade rígida e estéril.

Reconhecem, entretanto, que depois que a velha sociedade tiver desaparecido, será preciso criar algum tipo de estrutura social capaz de assumir os meios de produção e mudar as bases econômicas existentes na sociedade de classes, trocando-as por outras mais de acordo com um mundo livre. E é nos sindicatos que será possível encontrar os meios para efetuar essa reorganização. A organização da indústria, do transporte e das atividades agrícolas dentro dos sindicatos seguirá as mesmas linhas que presidiram a organização dos operários nos dias anteriores ao fim da sociedade que tinha como base a propriedade privada, só que agora, em vez de se organizarem para a luta, os operários se organizarão para a construção de uma base econômica compatível com a liberdade e a justiça. Cada unidade de trabalho, seja ela fábrica ou pátio de estrada de ferro, será dirigido pelos próprios operários que lá trabalham. Não haverá autoridade nem administração superiores e cada operário será igualmente responsável, junto aos companheiros, pelo bom funcionamento da unidade onde exerce suas funções.

Isso não significa que o sindicalista vê a operação de uma indústria como uma tarefa simples. Pelo contrário, conhecendo por experiência própria sua complexidade, sabe que uma burocracia divorciada da força de trabalho é incapaz de operar com máxima eficiência uma organização tão complexa como é uma estrada de ferro. Só os operários que nela trabalham é que têm condições de conhecer a fundo o seu funcionamento e, certamente, se lhes fosse dada a oportunidade de estudar os problemas de operação e coordenação da empresa, seriam capazes de administrá-la com mais eficiência do que os burocratas. Naturalmente essa oportunidade lhes é negada. E utilizo aqui o termo "operário" em seu sentido mais amplo, para designar tanto a equipe técnica ligada à engenharia civil e à

O SINDICATO NA SOCIEDADE DE CAPITALISTA:

AS DUAS FUNÇÕES DO SINDICATO: REIVINDICAR E FAZER A REVOLUÇÃO

A AYUDE-TERMINAÇÃO OPERARIA NO SINDICATO DE UMA CENTRALIZAÇÃO NENHUMA BUROCRACIA E NENHUM PRIVILEGIO

O SINDICATO NA SOCIEDADE SEM CLASSES: A BASE PARA A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

fabricação de locomotivas quanto o pessoal burocrático encarregado de coordenar a operação dos trens, não só porque ambos têm importância vital para o bom desempenho da estrada, mas porque só através da cooperação direta entre eles e seus camaradas é que, eliminada a burocracia, os trabalhadores terão condições de assumir efetivamente o controle da ferrovia.

As várias unidades e sessões de cada indústria serão ligadas, formando federações, de modo a coordenar as operações através do país. As federações e sindicatos industriais serão, por sua vez, reunidos numa federação nacional de indústrias que coordenará as atividades dos seus vários setores — produção, distribuição e serviços.

Os velhos temas do lucro e dos interesses privados deixarão de dominar a vida econômica. Em vez disso, o incentivo será o bem dos membros da sociedade, sem distinção. Em tais circunstâncias, não haverá nada que impeça a exploração total dos recursos da natureza e da ciência. As pessoas poderão escolher o nível de vida que desejam ter e lutarão para atingi-lo, sendo difícil acreditar que se resignarão a suportar as dificuldades que hoje enfrentam. O mais provável é que a possibilidade de uma vida melhor, aliada à natural inclinação do homem pelo trabalho garanta que, uma vez entregues a si mesmos, os operários encontrarão meios para fazer com que as indústrias funcionem de forma bem mais eficiente do que ocorria sob o regime capitalista...

A hierarquia administrativa desaparecerá e os próprios operários desempenharão as funções de administração. Sempre que essa participação direta se tornasse inviável, seriam escolhidos delegados encarregados de coordenar o funcionamento dos vários setores, sempre segundo os desejos dos companheiros que os tivessem escolhido. Esses delegados não teriam qualquer autoridade, nem poderiam tomar decisões sobre questões ligadas à política administrativa, limitando-se a desempenhar tarefas de coordenação em bases totalmente voluntárias.

Tais delegados não ocupariam posições de superioridade em relação a seus camaradas, nem desfrutariam de poderes ou privilégios. Sob o anarquismo, desaparecerá o sistema salarial, uma das principais formas de coerção que os governantes utilizam contra os operários. Ao desempenhar as tarefas que garantem o funcionamento da sociedade, os operários receberiam em troca os artigos de que necessitassem para garantir uma vida confortável e feliz. Nenhum operário poderia ganhar mais do que o seu companheiro apenas porque a tradição afirma que as funções que desempenha lhe garantem um salário semanal duas vezes superior, e nem have-

ria diretores ou gerentes vivendo em meio ao luxo enquanto seus empregados morrem de fome. Os homens não ganhariam pelo que valem, pois o valor social de uma pessoa não pode ser estimado, mas de acordo com suas necessidades, única maneira justa de repartir a riqueza.

EM DEFESA DO SINDICALISMO

PIERRE MONATTE

(in Congresso anarquista, realizado em Amsterdã, agosto 1907)

O que me proponho a fazer aqui não é uma simples exposição teórica sobre o sindicalismo revolucionário mas mostrá-lo em ação, deixando que os fatos falem por si. Diferente de outras formas de socialismo e anarquismo que o precederam, ele se manifesta menos nas teorias do que em atos concretos e devemos procurá-lo na prática e não nos livros.

Seria preciso estar cego para não ver as semelhanças entre o anarquismo e o sindicalismo. Ambos tentam eliminar o capitalismo e o sistema salarial através de uma revolução social. O sindicalismo existe como a prova de um recrudescimento do movimento operário, e ele faz renascer no anarquismo uma consciência de suas origens entre os trabalhadores; por outro lado, não foram poucas as contribuições dos anarquistas no sentido de levar o movimento operário para o caminho da revolução e da popularização do conceito de ação direta. Assim o sindicalismo e o anarquismo se influenciaram mutuamente em benefício de ambos.

Foi na França que as idéias do socialismo revolucionário surgiram e se desenvolveram entre os militares da *Confédération Generale du Travail*. Essa Confederação ocupa uma posição singular no movimento operário internacional. É a única organização que, embora se declare totalmente revolucionária, não tem qualquer ligação com nenhum partido político, nem mesmo com os mais avançados. Em quase todos os países, com exceção da França, a social-democracia exerce um papel de liderança política. Na França, a CGT vence de longe o partido socialista, tanto em termos de força numérica quanto em relação à influência que exerce; afirmando representar tão somente a classe operária, a CGT repeliu com firmeza todos os avanços feitos em sua direção nos últimos anos. A autonomia tem sido sua força e ela pretende continuar autônoma.

Essa posição assumida pela CGT, sua recusa em entrar em acordo com os partidos políticos, valeu-lhe o título de "anarquista" entre seus furiosos adversários. Entretanto, nada poderia ser mais falso. A CGT, um

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO É O ÚNICO QUE NÃO TEM NENHUMA LIGAÇÃO COM O PARTIDO (CGT)

APRESENTAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DO SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO: O SINDICALISMO É O ÚNICO QUE NÃO TEM NENHUMA LIGAÇÃO COM O PARTIDO

enorme agrupamento de sindicatos e uniões trabalhistas, não tem uma doutrina oficial. Todas as doutrinas se fazem representar dentro dela e desfrutam de igual tolerância. Um certo número de anarquistas integra o Comitê Federal; ali se reúnem e trabalham com socialistas — a maioria dos quais, deve ser observado, é tão hostil à idéia de qualquer tipo de aliança entre os sindicatos e o Partido Socialista quanto os próprios anarquistas.

A estrutura da CGT merece ser estudada com alguma atenção: diferente da estrutura de tantas outras organizações operárias, ela não é nem centralizada, nem autoritária. O Comitê exerce função apenas diretiva e não monopoliza funções executivas e legislativas, como imaginam os editores e repórteres dos jornais burgueses, nem é investido de qualquer autoridade. O CGT é controlado de baixo para cima; cada sindicato é seu próprio patrão, tendo inteira liberdade para agir ou deixar de agir; nenhuma imposição externa pode impedir ou autorizar os seus atos. Na base da Confederação portanto, está o sindicato. Mas ele não se liga diretamente à Confederação: só pode fazê-lo por intermédio da sua corporação federativa ou através das *Bourses de Travail*. O CGT é constituído pela união das federações e das *Bourses de Travail*.

As atividades desse órgão central são coordenadas por um Comitê formado por delegados das *Bourses* e das federações. Além desse comitê, existem comissões formadas por membros das duas entidades. São elas: a comissão de publicações (que edita *La Voix du Peuple*), a comissão de membros, a comissão de orçamento e a comissão das greves.

O congresso é soberano para decidir sobre as questões coletivas. Qualquer sindicato, por menor que seja, tem direito a ser representado por um delegado que ele mesmo escolhe. O orçamento da CGT é extremamente modesto, não ultrapassando a soma de 30,000 francos por ano. A prolongada agitação que culminou no grande movimento de Maio de 1906 pela jornada de 8 horas não custou mais que 60,000 francos. Quando essa soma tão insignificante foi divulgada, houve espanto entre os jornalistas. O quê? Então com esses poucos milhares de francos a Confederação fora capaz de sustentar, mês após mês, uma agitação tão intensa entre as classes operárias? Mas isso se devia ao fato de que, mesmo pobre em dinheiro, o sindicalismo francês é rico em energia, dedicação, entusiasmo — e ninguém corre o risco de se tornar escravo dessas riquezas!

Não foi em pouco tempo, nem sem muito esforço, que o movimento operário francês se transformou naquilo que é hoje. Nesses 35 anos, desde a Comuna de Paris, já atravessou inúmeras fases. A idéia de fazer do pro-

A
ESTRUTURA
DA CGT:
NEM HUMA
CENTRALI-
ZAÇÃO

↓

OS
ANARQUI-
STAS FRAN-
CESES DE-
CIDEM IN-
GRESSAR
NO MOVI-
MENTO O-
PERÁRIO-
SINDICAL

↓

AS
MEIO-
S DE LUTA:
AÇÃO DI-
RETA E GRE-
VE GERAL

↳

letariado, organizado em “sociedades de resistência”, o agente da revolução social foi a proposta básica e central da Grande Associação Internacional da Classe Operária, fundada em Londres em 1864. Seu lema, como devem lembrar era “A emancipação dos operários é tarefa dos próprios operários”, e este é ainda hoje o nosso lema, o lema de todos aqueles que acreditam na ação direta e são contra o parlamentarismo. Foram essas idéias de autonomia e federação, tão honradas hoje entre nós, que inspiraram no passado todos aqueles membros da Internacional que se rebelaram diante do abuso de poder do Conselho Geral e que, após o Congresso de Haia, passaram a apoiar abertamente Bakunin. Mais importante ainda, o próprio conceito de greve geral, tão popular hoje em dia, é uma criação da Internacional, que foi quem primeiro entendeu o seu poder abrangente.

A derrota da Comuna de Paris desencadeou uma terrível reação na França. O movimento operário foi pulverizado e seus militantes assassinados ou forçados a exilar-se. Ele conseguiria, entretanto, reorganizar-se alguns anos depois; a princípio, débil e tímido, logo se fortaleceu quando o proletariado, indiferente às disputas entre as várias facções, criou novas associações de classe sob uma nova designação — sindicatos. Entregue à própria sorte, menosprezado pela própria fraqueza e pelo ciúme dos grupos rivais, o movimento sindicalista foi aos poucos adquirindo força e confiança em si próprio. Começou a crescer. A *Fédération des Bourses* foi fundada em 1892. A *Confédération Generale du Travail*, que desde o início teve o cuidado de proclamar sua neutralidade política, em 1895. Nesse meio tempo, um congresso operário realizado em Nantes, em 1894, declarou-se favorável à idéia de uma greve geral. Foi mais ou menos por essa época que um grupo de anarquistas, ao perceber finalmente que só filosofia não é suficiente para fazer uma revolução, decidiu ingressar no movimento operário que despertou naqueles que tiveram sensibilidade para entender o significado desse gesto, as maiores esperanças no futuro. Fernand Pelloutier foi, durante esse período, o homem que melhor soube incarnar essa evolução entre os anarquistas.

Todos os congressos subseqüentes acentuaram cada vez mais a separação entre a classe operária organizada e os políticos. Em Toulouse, 1897, nossos camaradas Delesalle e Pouget conseguiram que fossem adotadas táticas de boicote e sabotagem. Em 1900 foi fundada a *Voix du Peuple*, tendo como seu editor-chefe Pouget. Desde o difícil período de sua fundação, a *Confédération Generale du Travail* dá provas diárias de sua força

crescente, transformando-se num poder que deve ser reconhecido tanto pelo governo quanto pelos partidos socialistas.

O novo movimento sofreu ataques terríveis do governo, apoiado por todos os socialistas reformistas. Millerand, que se tornara Ministro, tentou nacionalizar os sindicatos e fazer com que cada Bourse passasse a ser uma sucursal do seu ministério. Agentes pagos por ele infiltraram-se em várias organizações, numa tentativa de corromper os militantes. O perigo era realmente grande mas foi exorcizado, graças a um acordo celebrado entre as facções revolucionárias — anarquistas, Guesdistas e Blanquistas. O acordo foi mantido e o perigo passou.

Hoje o poder da confederação, fortalecido a partir de 1902 pela entrada da Fédération des Bourses, o que significava a efetivação da unidade da classe operária — provém desse acordo, que deu origem ao sindicalismo revolucionário, a doutrina que vê no sindicato um órgão de transformação social e a greve geral como o meio de obtê-la.

Mas — e gostaria que meus camaradas não-franceses dessem especial atenção a esse ponto muito importante — nem a concretização da união da classe operária, nem a coalizão de revolucionários teriam sido capazes, por si só, de levar a Confédération Generale du Travail ao seu atual estágio de prosperidade e influência, se não tivéssemos permanecido fiéis, no exercício do sindicalismo, a um princípio básico que exclui, na prática, a possibilidade de que um sindicato venha a basear-se em opiniões: só um sindicato para cada profissão e cada cidade. A consequência prática da aplicação desse princípio é a neutralização política do sindicato, que não pode nem deve ser anarquista, Guesdista, Allemanista ou Blanquista mas simplesmente, operário. No sindicato, muitas vezes as divergências de opinião, tão sutis e artificiais, passam para um segundo plano e por isso é possível chegar-se a um acordo. Na vida prática, os interesses vêm antes das idéias: pelo simples fato de que todos estão submetidos às mesmas leis salariais, os interesses dos trabalhadores são iguais, apesar de todas as disputas entre escolas e facções. E é este o segredo do acordo que foi estabelecido entre eles, acordo que permitiu o aumento do poder do sindicalismo e fez com que no ano passado, durante o Congresso de Amiens, ele pudesse afirmar orgulhosamente a sua independência.

Eu estaria incorrendo em grave falta se não demonstrasse agora os meios de que o sindicalismo revolucionário dispõe para obter a emancipação da classe operária. Esses meios podem ser resumidos a duas palavras — ação direta. E o que é ação direta? Há muito tempo, sob influência das escolas socialistas e especialmente da escola Guesdista, os operários con-

(RESUMO DA DOCTRINA)

(197) (202)

A AÇÃO DIRETA É DOS TIPOS GRAVE E SABOTAGEM

fiavam ao Estado a tarefa de satisfazer as suas exigências salariais. Como esquecer aquelas procissões de trabalhadores, encabeçadas por representantes escolhidos que levavam aos todo-poderosos as reivindicações do 4º Estado? Mas como essa forma de agir só lhes trouxe desilusões, eles foram aos poucos entendendo que os operários jamais conseguiriam obter qualquer vitória que não fossem capazes de impor; em outras palavras, que a máxima da Internacional que mencionei anteriormente deveria ser entendida e aplicada com maior rigor. Agir em seu próprio benefício, contar apenas com seu próprio esforço — isso é ação direta. Mas torna-se desnecessário dizer que a ação direta pode assumir as mais variadas formas.

A principal, ou melhor, a mais notável delas é a greve. Uma faca de dois gumes segundo alguns, mas não para nós que a consideramos uma arma sólida e bem temperada que, quando bem manejada, pode atingir o coração do capitalismo. É por meio da greve que o operariado começa a participar da luta de classes e entra em contato com as idéias que surgiram com ela. É através da greve que as massas recebem sua educação revolucionária e começam a entender a sua própria força e o poder do inimigo, adquirindo confiança em si próprios e no valor das ações audaciosas.

A sabotagem é quase tão valiosa quanto a greve. Sua idéia básica poderia ser formulada da seguinte maneira: quem ganha pouco, trabalha mal. Tal como a greve, a sabotagem sempre foi utilizada pelos trabalhadores, mas só nesses últimos anos é que adquiriu um significado realmente revolucionário. O método já obteve resultados significativos. Em ocasiões em que a greve demonstrou não ter força suficiente, a sabotagem conseguiu quebrar a resistência dos patrões. Um exemplo recente é a seqüência da fracassada greve dos trabalhadores na construção civil de Paris, ocorrida em 1906. Os pedreiros voltaram ao trabalho resolvidos a conceder aos patrões uma paz que seria pior do que a guerra e, por um acordo tácito e unânime, começaram a diminuir o ritmo da produção. Como que por acaso, sacos de cal e cimento apareciam rasgados, etc., etc. A guerra continua até hoje e os resultados, repito, têm sido excelentes. Não só os patrões se viram muitas vezes obrigados a ceder mas, como consequência dessa campanha que já dura vários meses, os operários da construção tornaram-se mais conscientes, independentes e rebeldes.

Mas se considero o sindicalismo como um todo, sem me deter sobre manifestações isoladas, que justificativas poderei ainda apresentar em sua defesa? O espírito revolucionário estava morrendo na França, tornando-se a cada ano mais débil. O revolucionarismo pregado por Guesde, por exemplo, era apenas verbal ou o que é ainda pior, eleitoireiro ou parla-

mentar; o de Jaurés, que conseguiu ir um pouco além nessa mesma direção, era apenas e francamente ministerial e governamental. Quanto aos anarquistas, seu revolucionarismo refugiara-se na torre de marfim da especulação filosófica. Entre tantas hesitações, tropeços e recuos, e talvez mesmo por causa deles, nasceu o sindicalismo; o espírito revolucionário renasceu e ganhou novas forças, e pela primeira vez desde que a grande voz do dinamite fora silenciada, a burguesia tremeu.

É importante que os proletários de todos os países aprendam com a experiência sindicalista do operariado francês. E a tarefa do anarquista é assegurar-se de que essa experiência se repita em qualquer lugar onde exista uma classe operária lutando pela emancipação. Contra essa união de companheiros que produziu na Rússia, por exemplo, o aparecimento de associações anarquistas e na Alemanha e Bélgica uniões cristãs e democráticas, os anarquistas deveriam opor um sindicalismo ao estilo francês, ou seja, um sindicalismo neutro e independente. Assim como só há uma classe operária, também só deveria haver em cada indústria e cada cidade uma única organização de classe, um único sindicato. Só assim é que a luta de classes, livre dos obstáculos criados a cada momento pelas rugas entre escolas e facções rivais, poderia expandir-se em todos os sentimentos e atingir seus objetivos prioritários.

De acordo com o que foi proclamado no Congresso de Amiens em 1906, o Sindicalismo se basta a si próprio. Sei que tal afirmação jamais foi entendida, mesmo pelos anarquistas. Ela significa apenas que, tendo finalmente atingido a maioria, a classe operária está decidida a manter a sua independência e a não confiar a mais ninguém a tarefa de promover a sua emancipação. Que defeitos poderão os anarquistas encontrar num desejo de ação expresso de forma tão sutil?

O sindicalismo não perde tempo prometendo o paraíso terrestre. Ele exige que os próprios operários lutem para conquistá-lo, assegurando-lhes que seus atos jamais serão em vão. É uma escola de força de vontade, entusiasmo e pensamentos criativos. Abre novas perspectivas e esperanças para um anarquismo que esteve durante tanto tempo fechado em si mesmo. Que todos os anarquistas ingressem no sindicalismo — isso fará com que seu trabalho se torne ainda mais produtivo e mais decisivos os golpes que aplicarem contra o regime social.

SINDICALISMO: A CRÍTICA DE UM ANARQUISTA

ERRICO MALATESTA

(in Congresso anarquista realizado em Amsterdã, agosto de 1907)

Monatte concluiu que o sindicalismo é uma forma necessária e capaz de obter a revolução social. Em outras palavras, afirma que o sindicalismo se basta a si mesmo. E sendo essa, na minha opinião, uma idéia radicalmente falsa, dedicarei meu discurso a combatê-la.

O Sindicalismo, ou mais exatamente, o movimento operário (já que o movimento operário é um *fato real* que não pode ser ignorado e o Sindicalismo é uma doutrina, um sistema e não devemos confundi-los), o movimento operário, como eu dizia, sempre teve em mim um defensor resolutos mas não cego. Eu o considero um campo particularmente propício para a difusão da propaganda revolucionária e também como um ponto de contato entre os anarquistas e as massas. Não creio que seja necessário insistir nesse ponto. É preciso conceder que eu jamais fui um daqueles intelectuais anarquistas que, quando da dissolução da Internacional, retirou-se benevolentemente para uma torre de marfim, entregando-se a reflexões filosóficas, e reconhecer que, onde quer que me encontrasse — fosse na Itália, França, Inglaterra ou qualquer outro lugar — jamais deixei de combater essa atitude de isolacionismo ativo. Ao contrário, sempre procurei levar meus camaradas em direção ao que os sindicalistas chamam de *novo*, embora já tivesse sido percebido e entendido pelos primeiros anarquistas ainda na Internacional.

Hoje, como no passado, eu gostaria de ver os anarquistas ingressarem no movimento de classe operário. Hoje, como ontem, sou um sindicalista no sentido de que defendo os sindicatos. Não estou exigindo sindicatos anarquistas, o que resultaria imediatamente no aparecimento de sindicatos social-democratas, republicanos, monarquistas e muitos outros e acabaria por lançar mais do que nunca a classe operária contra si mesma. Não desejo nem mesmo sindicatos vermelhos, porque não quero ter sindicatos covardes. Gostaria, isso sim, que os sindicatos estivessem abertos a todos os trabalhadores e não se deixassem influenciar mas permanecessem absolutamente livres.

Segue-se, portanto, que sou a favor de uma participação mais ativa no movimento operário, sobretudo como forma de propaganda cujo alcance poderia se tornar muito mais amplo. Mas de forma alguma essa participação deveria implicar na renúncia dos ideais longamente acalentados. Mes-

NEUTRALIDADE POLITICA E ECONOMICA NO MOVIMENTO SINDICAL (200)

INTER-VIR NO MOVIMENTO SINDICAL

MALATESTA: O SINDICATO PODE SER O AGENTE DA REVOLUÇÃO SOCIAL

SEM ABANDONAR A DOCTRINA ANARQUISTA SERVADORES NO DOS SINDICATOS

mo dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda a força e amplitude implícitas nessa definição. Na minha opinião, o movimento operário não é mais do que um meio — embora não há dúvida de que é o melhor meio de que dispomos. Mas eu me recuso a aceitar esse meio como um fim e, da mesma forma, não gostaria que perdêssemos de vista o conjunto das concepções anarquistas ou, colocando o problema de forma mais simples, que não desprezásemos os meios de propaganda e agitação ao nosso alcance.

Os sindicalistas, por outro lado, têm uma certa propensão para transformar os meios em fins e para considerar as partes como sendo o todo. E desse modo, para alguns dos nossos, o sindicalismo começa a se transformar numa nova doutrina que ameaça a própria existência do anarquismo.

Entretanto, mesmo que fortaleça a própria imagem utilizando a inútil alcunha de anarquista, o sindicalismo não é nem nunca será mais do que um movimento legítimo e até mesmo conservador, sem outro objetivo senão a melhoria das condições de trabalho do operário. Para corroborar o que afirmo, bastariam as provas que nos são oferecidas pelos grandes sindicatos americanos: de organizações imbuídas de um revolucionarismo radical quando ainda não dispunham do poder que hoje desfrutam, eles foram se tornando, à medida em que foram adquirindo força e riqueza, organismos totalmente conservadores, cuja maior preocupação é transformar seus membros na aristocracia das fábricas, oficinas e das minas. Sendo agora muito menos hostis ao capitalismo paternalista do que aos operários não-organizados, aquele proletariado em farrapos tão condenado pelos social-democratas. Mas nós, os outros anarquistas, não podemos esquecer esse proletariado desempregado que não pára de crescer e que não interessa ao sindicalismo que chega a ver nele um inimigo, mas que é nosso dever defender, porque seus membros estão entre os que mais sofrem.

Deixem-me repetir: é preciso que os anarquistas continuem ingressando nos sindicatos antes de mais nada para difundir o anarquismo entre os operários e depois, porque esta é a única forma de que chegue o dia — pelo qual todos esperamos — em que poderemos ter a nossa disposição grupos capazes de assumir o controle da produção. É preciso filiar-se aos sindicatos, finalmente, para lutar com energia contra essa odiosa atitude mental que faz com que os sindicatos não sintam o menor entusiasmo para defender nada além dos seus próprios interesses particulares.

O erro básico de Monatte e de todos os sindicalistas revolucionários, a meu ver, tem origem na concepção demasiado simplista da luta de clas-

NÃO HA
CLASSES
NEM LU
TA DE
CLASSES:
IGNORAR
ESSE FATO É
O MAIOR ER
RO DOS ANARQ
UISTAS
LISTAS

ses, segundo a qual todos os interesses econômicos da classe operária são idênticos e que, no momento em que alguns operários assumem a defesa de seus próprios interesses, estarão defendendo todo o proletariado contra o capitalismo. Sugiro que a realidade é bem diferente. Tal como acontece aos membros da burguesia e a todos os homens, os operários também estão sujeitos à lei universal da competição que é uma consequência da existência da propriedade privada e do governo e que só desaparecerá no dia em que ambos desaparecerem. Portanto, não há classes, no verdadeiro sentido da palavra, porque não há interesses classistas. No coração da classe operária, como no coração da burguesia, a competição e a luta continuam. Os interesses econômicos de uma categoria estarão sempre e inevitavelmente em oposição aos interesses de outra. E em toda a parte é possível ver operários que, tanto econômica quanto moralmente, estão muito mais próximos da burguesia do que do proletariado. Cornelissen nos deu exemplos recolhidos aqui mesmo na Holanda e há muitos anos. Será preciso que eu lembre quantas vezes, durante as greves, os trabalhadores apelam para a violência... contra a polícia e os patrões? Não! contra os fura-greves que no entanto também são trabalhadores e tão explorados quanto eles próprios, talvez até mais humilhados, enquanto que os verdadeiros inimigos dos operários, os verdadeiros obstáculos à igualdade social continuam sendo a polícia e os patrões.

E no entanto, a solidariedade moral pode existir entre os operários, mesmo quando não existe solidariedade econômica. Os trabalhadores que se isolam na defesa dos interesses da classe talvez não percebam, mas ela surgirá no dia em que o desejo comum de promover uma transformação na ordem social os transforme em novos homens. Na sociedade atual, a solidariedade só pode ser o resultado de uma comunhão que surge sob a égide de um ideal compartilhado. O papel dos anarquistas é despertar os sindicatos para esse ideal, orientando-os gradualmente para a revolução social, mesmo que ao fazê-lo, corram o risco de prejudicar as "vantagens imediatas" que tanto parecem agradá-los.

É impossível negar que a ação sindicalista envolve certos perigos. O maior deles reside, sem dúvida, na possibilidade de que os militantes do movimento anarquista aceitem tornar-se funcionários do sindicato, especialmente se receberem pagamento em troca do seu trabalho. Tomemos isso como regra geral: o anarquista que se torna funcionário estável e pago está perdido para a causa, perdido para o anarquismo! A partir desse momento, ele assume um compromisso com aqueles que o pagam e, como estes não são anarquistas, o funcionário assalariado, colocado ante sua

consciência e seus interesses, deve seguir os ditames da consciência — e perder o emprego — ou defender seus interesses e então... adeus anarquismo!

A presença de um funcionário do governo no movimento operário é um perigo comparável apenas aos perigos do parlamentarismo: ambos levam à corrupção e sabemos que a distância que separa a corrupção e a morte não é assim tão grande...

E agora, consideremos a greve geral. Eu pessoalmente a aceito, em princípio, e há muitos anos venho fazendo o possível para difundi-la. A greve geral sempre me pareceu um excelente meio para iniciar uma revolução social. É preciso, no entanto, que estejamos atentos para não cair na desastrosa ilusão de que a greve geral elimina a necessidade de uma revolta armada.

Muitos afirmam que, parализando a produção abruptamente durante alguns dias, os operários conseguirão em pouco tempo deixar os burgueses sem ter o que comer e que, mortos de fome, eles serão obrigados a ceder. Não posso imaginar nada mais absurdo. Os primeiros a morrer de fome durante a greve geral não seriam os burgueses, que dispõem de crédito e podem entrar em todas as lojas, mas os operários que têm apenas o trabalho para sustentá-los.

A greve geral, tal como é descrita, não passa de pura utopia. Ou o operário, morrendo de fome depois de três dias de greve, voltará ao trabalho de cabeça baixa e nós poderemos marcar mais uma derrota para o nosso lado; ou tentará apossar-se dos meios de produção utilizando a força. E quem estará a sua espera para impedir que isso aconteça? Soldados, policiais, além dos próprios burgueses. Tornar-se-á impossível evitar que a questão seja resolvida com tiros e bombas, transformando-se numa insurreição onde a vitória caberá ao mais forte.

Preparemo-nos, portanto, para essa revolta inevitável, em vez de nos contentarmos em ver na greve o remédio para todos os males. E não ouçamos quem nos diz que os governos estão sempre armados e são sempre mais fortes do que aqueles que se rebelam. O que aconteceu em Barcelona em 1902 é que os soldados não eram muito numerosos mas ninguém estava preparado para a luta armada e, como os operários não tinham ainda entendido que o verdadeiro inimigo era o poder político, enviaram seus representantes ao governador para pedir-lhe que obrigasse os patrões a ceder.

Mas, mesmo quando a consideramos em termos realistas, a greve geral ainda é uma arma de dois gumes que é preciso usar com cautela. Não é

possível suspender indefinidamente a obtenção dos meios de subsistência. Mais cedo ou mais tarde será necessário apossar-se das fontes que abastecem o povo e não devemos esperar até que a greve tenha se transformado numa luta armada.

Na verdade, o que deveríamos pedir ao operário não seria tanto que parasse de trabalhar, mas que continuasse a trabalhar em seu próprio interesse. Sem isso, a greve geral logo se transformará em uma fome geral, mesmo que se tivesse tido energia suficiente para confiscar imediatamente todas as mercadorias acumuladas nas lojas. Basicamente, a idéia da greve geral tem origem numa crença totalmente falsa: a crença de que, uma vez de posse dos produtos acumulados pela burguesia, a humanidade poderia continuar consumindo, sem nada produzir, por um período indefinido de meses ou anos. Tal crença inspirou os autores de dois panfletos publicados há 20 anos: *Os produtos da terra* e *Os produtos da indústria* que trouxeram, na minha opinião, mais prejuízos do que benefícios. A sociedade não é assim tão rica quanto muitos acreditam. Kropotkin já demonstrou que, caso houvesse uma brusca paralisação dos meios de produção, a Inglaterra não teria mais do que a produção de um mês como reserva. Londres teria o que comer durante apenas três dias. Conheço bem esse fenômeno conhecido como superprodução. Mas a superprodução pode ser anulada pelas crises que restabelecem rapidamente o equilíbrio na indústria.

Devo acabar. Lamentei, no passado, que os camaradas se isolassem do movimento operário. Lamento hoje que, caindo no extremo oposto, muitos entre nós se deixem tragar pelo mesmo movimento. Uma vez mais, a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas meios; a anarquia é o fim. A revolução anarquista que desejamos excede os interesses de uma única classe — ela se propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral. É preciso que permaneçamos atentos contra qualquer plano simplista e unilateral de ação.

Pelas forças da classe operária que coloca à nossa disposição, o sindicalismo é um excelente meio de ação mas é preciso que não percamos de vista o único objetivo que merece o nosso esforço: a Anarquia.

AO CONTRÁRIO DO RIO DO QUE OS ANARQUISTAS TENTAM CO-SINDICALIS-MA, A GREVE GERAL NÃO PODE TORNAR A LUTA ARMADA

O ANARQUISTAS NÃO É UMA IDEIA DE CLASSE